

Em novembro, a grande festa do vídeo.

É a oitava edição do Fotóptica Video Festival, de 9 a 15 de novembro no MIS, com um atrativo especial: vídeos que nunca foram vistos ao norte do Equador.

Credibilidade e respeito são conquistas que levam tempo. Exatos sete anos no caso do Fotóptica Video Festival, que só a partir da oitava edição — de 9 a 15 de novembro no Museu da Imagem e do Som — ganha projeção internacional. Em 1983, quando começou e ainda se chamava Vídeo-Brasil, reunia no máximo videomakers amadores, cuja diversão consistia em experimentar os recursos de complicados equipamentos que raramente aqui chegavam por vias oficiais.

Rigor profissional, busca de melhor fotografia, enquadramento preciso, interpretação bem formulada dos assuntos em foco, linguagem mais definida — qualidades que revelam o amadurecimento atual dos realizadores brasileiros — foram aparecer com solidez só a partir da quarta versão do festival. O salto seguinte, no ano passado, foi promover a internacionalização do evento. Agora, preparando-se para a oitava edição, o Fotóptica se insere no calendário internacional de mostras de vídeo. Será o primeiro festival do mundo a reunir videomakers do Hemisfério Sul. Atrativo que vai trazer alguns figurões do vídeo europeu e norte-americano ao Brasil, gente interessada em conferir o desempenho de artistas da América do Sul, África e Austrália, e não só em se autopromover.

O prestígio alcançado pelo festival, embora alguns de seus críticos afirmem que ele tenha perdido em criatividade para melhorar em qualidade técnica, se deve ao empenho de sua diretora, Solange Oliveira, que não é videomaker. “Sou apenas uma animadora cultural”, diz ela.

Solange viajou durante meses, apresentando seu projeto na Europa, em Israel, países da América Latina, Austrália e Japão. Visitou emissoras alternativas de TV, grandes redes, produtoras independentes, instituições que apoiam a realização de vídeos e estúdios de vídeoarte. Esteve nos mais importantes festivais. Debaixo do braço levava um **making of** compilando os videojornais diários da cobertura dos últimos festivais realizados no MIS. “Era o meu portfólio para convencer da seriedade do Fotóptica.”

Facilitou a meta de Solange o que disseram do festival brasileiro os visitantes estrangeiros presentes na sétima edição. “Eles ficaram bem impressionados com a qualidade dos vídeos brasileiros e, também, com a estrutura do festival”, lembra a diretora. No ano passado vieram ao Brasil representantes dos principais eventos de vídeo da Europa, de emissoras alternativas e produtoras in-

dependentes. Aqui estiveram, e voltam, diretores do Channell Four (Inglaterra), Canal Plus (França) e RTBF (Rádio e Televisão Belga da Comunidade Francesa), além da produtora Ex-Nihilo (França) e organizadores do Festival de Montbéliard. Virão, ainda, Kathu Huffman, diretora da Cat Foundation de Boston, representantes da TV Espanhola, que tem projetos de co-produção internacional de vídeos, e da Gallery's Scan, de Tóquio, conhecida difusora da vídeoarte.

Atrativo

O grande atrativo do festival, segundo sua diretora, é concentrar vídeos que não se vê em nenhum outro evento no Hemisfério Norte. Dos 195 vídeos de nove países do Sul, 32 foram selecionados pela assessoria de programação da Fotóptica para a mostra competitiva, levando em conta inovação de linguagem e qualidade técnica. Vão dar uma idéia do que se faz hoje em vídeo no Brasil (17 escolhidos), Austrália (4), Argentina (5), Moçambique (2), Uruguai (2) e Chile (2). A própria Solange Oliveira, que admitiu desconhecer o valor da produção dos vizinhos sul-americanos, ficou impressionada: “O público vai ter boas surpresas”.

Para julgar esses vídeos, vêm ao Brasil Jean-Marie Duhard, diretor de criação do Canal Plus e um dos fundadores da Ex-Nihilo; Carlos Trilnicke, diretor de vídeo do Instituto de Cooperação Ibero-Americano de Buenos Aires; Augusto Gongora, um dos sócios da produtora chilena Teanalise, referência entre os pioneiros da produção indepen-



Na Kara - What's Wrong?, do israelense Avraham Heffner, um dos vídeos na mostra competitiva.

dente na América Latina; e Jill Scott, vídeo-artista e diretora do principal festival realizado na Austrália. Para representar o Brasil no júri foi convidado o professor Arlindo Machado (ECA-USP), autor de vários livros sobre vídeo e respeitado como um dos importantes teóricos do assunto no País.

Na mostra informativa, Solange garante outras surpresas vindas de Israel, Alemanha, Espanha, Bélgica, Holanda, URSS, França, Inglaterra, EUA, Cuba, Polônia e Japão. Paralelamente, o festival ainda realizará conferências, workshops (apenas para profissionais do vídeo e que falem inglês) e quatro vídeo-instalações, uma delas de Dominik Barbier, considerado o Nam June Paik da França.

A Fotóptica, desta vez, patrocina sozinha o evento. A Secretaria de Estado da Cultura continua cedendo o MIS. “Mas seria impossível realizar o festival se não contássemos com várias padrinhos no Exterior”, lembra Solange: O Ministério das Relações Exteriores da França está pagando algumas passagens e custeia a vídeo-instalação de Dominik Barbier, avaliada em quase metade do orçamento de todo o evento.

Para o público, uma boa novidade do festival será a videoteca. Quem perder alguma exibição pode pedir depois o vídeo e assisti-lo em monitores disponíveis. Mesmo os vídeos não classificados para a mostra competitiva. A programação no MIS irá das 10h às 23h, com entrada franca.

Ana Maria Cicaccio



Brasiconoscópio, do brasileiro Mauro Giustini, poderá ser visto na mostra competitiva ou na videoteca.

Entre feras do mundo, o Hans Donner dos japoneses.

O Fotóptica Video Festival terá cinco workshops em três áreas específicas: vídeo-arte e tecnologia, televisão e produção independente, criação e mercado alternativo. São exclusivos para profissionais. O videomaker Ricardo Nauenberg, ex-diretor do Departamento de Multimídia da Rede Globo, e hoje contratado da produtora Frame, que faz o programa de Rita Lee para a MTV e começa a gravar o de Juba & Lula para a Manchete, está especialmente interessado no workshop do artista japonês Yoshiro Kawaguchi. Idem o pessoal da empresa de computação gráfica da Vetor Zero e Marcelo Tas, que inventou o famoso repórter Ernesto Varela.

Kawaguchi é considerado um gênio no que se chama hoje de imagens, de síntese (vinhetas, computação gráfica). Seu trabalho com os brasileiros será mais prático do que expositivo. “Por isso fizemos um acordo com a Frame, que possui um dos mais modernos equipamentos de pós-produção e computação gráfica do País”, diz Solange Oliveira. O curso será realizado num fim de semana, apenas para 15 pessoas, na produtora.

O inglês Tim Morrison, integrante do Gorilla's Tapes, vai falar sobre o **scratch vídeo**. Trata-se de uma linguagem desenvolvida pela própria produtora independente para assuntos jornalísticos: tudo é super-rápido e com bastante humor. Os **clips** são veiculados pelo

Channell Four e não poupam a dama de ferro Margaret Thatcher de críticas bem mordazes. Como os demais, este **workshop** será no MIS.

Rob Rombout, da Bélgica, tem como assunto a televisão e a produção independente. Ele já fez vídeos que colocou sem dificuldades na ZDF da Alemanha, na RTBF da Bélgica e no Canal Plus, da França.

Dominik Barbier, artista da vídeo-instalação, falará sobre seu processo criativo. Dominik é o inventor do que os franceses estão chamando de vídeo-opereta, instalações para grandes espaços, com cenário em geral bem complicado. **The no way buster**, que ficou meses em cartaz no La Villette, de Paris, é a instalação que será reproduzida no MIS. Para montá-la, o galpão atrás do museu está em reforma. O artista imaginou três planos diferentes, através dos quais o público vai subindo e tendo surpresas, como ver da altura de oito metros uma paisagem marítima, pontuada pelas imagens de três vídeos pendurados por correntes.

O único brasileiro escolhido para dar workshop foi Marcelo Tas. “Nós, o convidamos principalmente para ele contar como funcionam as reportagens de seu personagem Ernesto Varela”, explica Solange. A idéia é que os estrangeiros possam ver aqui um trabalho compatível com o deles.

Videoarte na guerra e entre comunidades

Entre os conferencistas do Fotóptica Video Festival, Eli Schvadron vai contar como é a televisão e produção de vídeos em Israel. Poderá satisfazer a curiosidade de como se faz vídeo-arte num meio de realidade tão inóspita e sempre ameaçado por guerras. Schvadron pertence à Academia de Artes de Israel e, a convite de Solange Oliveira, foi uma espécie de curador dos vídeos que representarão seu país no festival. Entre os vídeos, um dos mais recentes narra sobre a atual crise do Golfo Pérsico, incluindo entrevistas com palestinos.

Em matéria de TV comunitária, o festival vai mostrar pelos menos dois exemplos: o da Van Gogh TV, de Hamburgo (Alemanha), e o da TV Viva, de

Olinda (Pernambuco). Da TV Viva, por sinal, o ator Cláudio Ferrario tem dois vídeos concorrendo na mostra competitiva: **O Pacote da Cruzelia** e **A Sangue Frio**. Os alemães também possuem um caminho parecido com o da TV Viva. Fazem sarcásticas reportagens de rua, repercutindo decisões do governo que afetam o cidadão comum, e depois transmitem em praça pública. A diferença é que já conseguem chegar também para o público do sofá, através de várias emissoras da Europa.

Quanto às vídeo-instalações, além da imaginada por Dominik Barbier, no MIS se poderá ver a do alemão Marcel Odenbach e a dos brasileiros Sandra Kogut (Rio) e Tadeu Jungle (SP).